

# AHMEDABAD

## ENCONTRO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM A EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

A **IV Conferência Internacional sobre Educação Ambiental** foi realizada de 24 a 28 de novembro de 2007, no Centro de Educação Ambiental de Ahmedabad (Índia), uma instituição fundada em 1984, no estado de Gujarat, que conta com 48 núcleos regionais em todos os estados da Índia. Participaram dessa Conferência 1500 pessoas de 97 países. 30 grupos de trabalho cobriram todos os aspectos do tema geral. Ela foi construída de forma participativa com reuniões preparatórias em Durban, na África do Sul, em Nova York e em Paris.

Em Ahmedabad foram feitas muitas referências a **Tbilisi**. Trinta anos antes (1977), em Tbilisi (Geórgia) havia sido realizada a I Conferência Internacional sobre Educação Ambiental. Antes de Tbilisi o tema já havia sido levantado na Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, realizada em Estocolmo (1972) e na Conferência de Belgrado (1975). Até Tbilisi a educação ambiental era mais conhecida como educação para a conservação (conservacionismo). Tbilisi deu um passo adiante, consagrando a expressão “educação ambiental”, na visão ampliada que temos hoje. Tbilisi tornou-se um divisor de águas na questão da educação ambiental.

Os anos 60 e 70 foram décadas de questionamento da educação formal e a educação ambiental aparecia como uma educação alternativa ao sistema de ensino. Uma releitura de Rousseau, Froebel, Dewey, Montessori, Steiner e, mais tarde, Freire, serviu de base para essa nossa área do conhecimento e da prática pedagógica chamada de “educação ambiental”. Essa diversidade de inspirações e de práticas, tornou a educação ambiental um rico campo de estudos, pesquisas e projetos de intervenção.

Dez anos depois, aconteceu a II Conferência Internacional sobre Educação Ambiental em **Moscú** (1987). Nessa Conferência à educação ambiental foi associado ao tema da “gestão ambiental”. Esta Conferência deu muita ênfase à educação de gênero. O tema “gênero e meio ambiente” passou a ser um tema também da agenda educacional em geral. Tratou também da educação para o desenvolvimento, para a paz e para os direitos humanos. Logo em seguida veio a Rio-92 onde foi aprovado, pelo Fórum Global de ONGs e dos Movimentos Populares o *Tratado de Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis e a Responsabilidade Global*. A Rio 92 deu muita ênfase a três dimensões interdependentes do desenvolvimento sustentável: *ecologia, economia e sociedade*.

Foi em **Tessalônica** (Grécia), em 1997, onde foi realizada a III Conferência Internacional sobre Educação Ambiental, que o tema da EDS apareceu, pela primeira vez, associado à educação ambiental, em função da retomada do Capítulo 36 da Agenda 21, aprovada na Rio-92. Em 2002, na Rio+10, realizada em Joanesburgo, a educação ambiental foi entendida muito mais como estratégia de governabilidade das questões ambientais, associada às três dimensões do desenvolvimento sustentável defendidas no Rio.

De Tbilisi a Ahmedabad houve um grande avanço teórico e prático. As primeiras preocupações com o meio ambiente estavam mais voltadas para “preservar” a natureza, para “conservá-la”. Depois, o tema central tornou-se a biodiversidade. Esses temas não ficaram no passado, mas agora, frente ao aquecimento global e à crise climática, o tema central da educação ambiental passa a ser o **estilo de vida** das pessoas: se não mudarmos nosso modo de produzir e reproduzir nossa existência, estaremos pondo em perigo toda a vida do planeta.

A **Declaração de Ahmedabad** reflete esse novo contexto. De certa forma ela lembra um pouco a primeira versão da Carta da Terra do Fórum Global da Rio-92, um chamado para a **educação para uma vida sustentável**. Os debates foram dominados pela presença do um pensamento central da obra de Gandhi: “minha vida é minha mensagem”. De acordo com Kartikeya V. Sarabhai, “a filosofia da educação de Gandhi trata do desenvolvimento do corpo, da mente e do espírito. Seu conceito de educação tem impactado o quadro geral dos objetivos da educação indiana, com ênfase na autonomia e na dignidade dos sujeitos que formam as bases

das relações sociais, caracterizadas pela não violência no interior da sociedade” (SARABHAI, Kartikeya V. and Preeti R. Kanaujia, orgs. 2007a. *Environmental Education in the Indian School System: Status Report 2007*. Ahmedabad: CEE, p. 1). Sem dúvida, precisamos dar exemplo, precisamos ser a mudança que pregamos. A Declaração de Ahmedabad deixa isso claro: “o nosso exemplo é muito importante. Pelas nossas ações, acrescentamos substância e vigor à busca por uma vida sustentável. Com criatividade e imaginação precisamos repensar e mudar nossos valores, nossas escolhas e as ações (...). Precisamos reconsiderar nossos instrumentos, métodos e perspectivas, nossas políticas e nossa economia, nossas relações e parcerias, bem como os próprios fundamentos e objetivos da educação e de como ela se relaciona com o nosso tipo de vida”. A sustentabilidade precisa ser vista a partir de outros pontos de vista. Não só a partir da noção de desenvolvimento.

Em Ahmedabad foi muito debatido o tema do **aquecimento global**, ainda sob o impacto dos relatórios do IPCC. Insistiu-se que, no que se refere a esse tema, o risco é global, mas as soluções são locais, portanto, é onde a educação ambiental pode atuar diretamente. A questão do clima não está separada da do crescimento econômico e a questão do crescimento econômico está ligado à relação entre as nações e às demandas por cooperação, equidade e transparência. Saímos de Ahmedabad com a firme convicção que temos que fazer todos os esforços, enquanto educadores, para mudar a economia global, e a educação pode fazer a diferença. A Declaração de Ahmedabad reflete esses intensos debates sobre economia, desenvolvimento e estilo de vida: “nossa visão é a de um mundo no qual nosso trabalho e estilos de vida contribuam para o bem estar de toda a vida na Terra. Nós acreditamos que, por meio da educação, os estilos de vida humanos podem conseguir manter a integridade ecológica, econômica e a justiça social, de forma sustentável e com respeito por todas as formas de vida. Por meio da educação, podemos aprender a prevenir e resolver conflitos, respeitar a diversidade cultural, criar uma sociedade cuidadora e viver em paz”.

E como o estilo de vida foi um tema dominante em Ahmedabad, o **consumo sustentável** teve muita relevância. Não dá para falar em EDS sem falar de educação para o consumo sustentável. O Estado de Gujarat, na Índia, onde se realizou a IV Conferência Internacional de Educação Ambiental, é um Estado essencialmente vegetariano. Debatesmos muito o consumismo e os hábitos alimentares baseados na proteína animal.

Foi lembrado que o consumo de carne é o maior poluidor do planeta. 16 bilhões de animais são necessários hoje para alimentar os consumidores de carne. Em cinco anos dobrou o consumo de carne no mundo. Foi lembrado que a fronteira agropecuária é o principal fator de desmatamento e que um quilo de carne precisa de 15 mil litros de água para ser produzido. Enquanto 14% das emissões de gases do efeito estufa são produzidos pelo transporte, no planeta, 18% das emissões desses gases provêm de animais.

Além do mais, a matança de animais envolve atos de violência contrários ao compromisso que temos com a vida. Toda a vida é sagrada. O que comemos se transforma em nós mesmos, no nosso corpo, faz parte de nós. O que comemos reflete na nossa postura diante da vida, no ideal de vida e de mundo que queremos construir. Nosso conceito básico deveria ser a compaixão para com toda a comunidade de vida.

Concluimos que o modelo alimentar dos países ricos não é generalizável pelo simples fato de que precisaríamos mais de um planeta (necessitaríamos de 2,6 planetas) para alimentar a todos dessa forma. A superfície de terra necessária para produzir proteína animal para todos seria 15 vezes maior do que o espaço necessário para a produção de proteína vegetal. Além da proteína animal ser causadora de numerosas doenças, entre elas, o câncer, a diabetes e as doenças cardíaco-vasculares. Por tudo isso, o modelo agrícola está em causa. É preciso inventar um outro que seja mais sustentável, tanto no que se refere à saúde das pessoas quanto à proteção do meio ambiente.

Precisamos comer para sobreviver, mas, diferentemente dos animais, não nos alimentamos por puro instinto. Sentimos prazer ao nos alimentar e podemos fazer escolhas. Transformamos o ato de comer num ato muito significativo. Não é uma mera satisfação de uma necessidade instintiva. Comer é também um ato cultural. As sociedades o transformaram num ato social. Há uma variedade enorme de alimentos e há alimentos suficientes para todos os habitantes da Terra. Falta distribuí-los equitativamente.

A melhor escolha da comida é aquela produzida localmente e a pior é a que vem empacotada, de longe, e que produz muito mais lixo (produtos industrializados) e mais custos sociais e ambientais. Trata-se de saber, de conhecer, como os produtos que consumimos foram produzidos. Conhecer todo o sistema de produção alimentar.

Dia 17 de novembro de 2007, o IPCC lançou o seu quarto relatório, uma síntese destinada a líderes políticos, para que tomem as medidas necessárias para enfrentar o aquecimento global. Esse documento refirma o que já havia sustentado nos relatórios anteriores de que a Revolução Industrial, iniciada em meados do século XVIII, é um fator determinante para o aumento da concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera e que provoca o efeito estufa e a elevação da temperatura do planeta. Essa tendência deverá continuar por vários séculos, mesmo que a humanidade controle a emissão de CO<sub>2</sub> e se estabilize a concentração de gases de efeito estufa. O IPCC afirma, textualmente, que “o aumento do nível do mar e o aquecimento são inevitáveis”.

Considerando que vamos ter que conviver, inevitavelmente, com o aquecimento global, mas que precisamos diminuir seus efeitos danosos; considerando que o nosso estilo de vida e, particularmente, a nossa alimentação, tem considerável impacto no aquecimento global; considerando que a EDS e, particularmente, a educação para o consumo sustentável e parte fundamental dessa educação, e pode ter um impacto positivo na diminuição da emissão de CO<sub>2</sub>; como educador, propus que reunamos e engajemos o maior número de escolas e estudantes na mudança de estilo de vida, para construir hábitos de uma vida sustentável, particularmente por meio de uma alimentação ecologicamente sustentável. Ainda não utilizamos o potencial organizativo e transformador das escolas. Mais de um bilhão de crianças e jovens estudam hoje no mundo e uma mudança no seu estilo de vida faria uma grande diferença.

De Tbilisi a Ahmedabad ocorreram muitas mudanças no modo de pensar a educação ambiental, agora mais centrada na aprendizagem, no novo impulso às parcerias com a sociedade civil, no próprio conceito de meio ambiente, incorporando a cultura e não só a natureza e a poluição.

Por outro lado, de lá para cá, apesar do empenho de milhões de educadores, a situação atual do planeta piorou, exigindo um esforço ainda maior. Por isso as **recomendações** de Ahmedabad destacaram a necessidade de um “novo sentido de urgência” e de um “novo paradigma”: “nós não precisamos mais de recomendações para incrementar mudanças; nós precisamos de recomendações que ajudem a transformar nosso sistema econômico e produtivo, e apontem para maneiras de viver radicalmente. Nós precisamos de uma estrutura educacional que não só siga essas transformações radicais, mas também possa liderar esse processo. Isso demanda uma mudança de paradigma. Em todo o planeta, as raízes do nosso atual paradigma educacional remontam à época Iluminista, que deu origem à ciência tal como a compreendemos hoje e influenciou todas as áreas do pensamento humano, bem como suas atividades e instituições. Esse paradigma Iluminista está baseado na idéia de que o progresso está fundamentado na ciência e na razão, e que ciência e razão podem revelar os mistérios da natureza. Isto nos encoraja a ‘conhecer’ a natureza ao invés de utilizá-la, a transformar e consumir-la para nossas necessidades insaciáveis”.

Precisamos redefinir a noção de progresso para sermos felizes e vivermos de forma sustentável e em paz. Porque, como dizia Gandhi, “o mundo tem o suficiente para atender as necessidades de todos, mas não para a ganância de cada um”.

**Moacir Gadotti**  
Instituto Paulo Freire